

CARTAS PARA ALMEIDA GARRETT:

LEMBRANÇAS DO EXÍLIO

MARIA DO ROSÁRIO ALVES MOREIRA DA CONCEIÇÃO*

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar e apresentar cartas privadas recebidas pelo escritor João Baptista de Almeida Garrett no período em que esteve no «exílio». São um conjunto de 25 cartas, aproximadamente, escritas por sua mãe e familiares num momento conturbado da história de Portugal. Escolhi três momentos de «exílio» de Garrett. O primeiro ocorreu entre os anos de 1823 e 1826, foi um momento de crise, onde os liberais mais radicais põem-se em fuga e as sociedades secretas são dissolvidas. O segundo ocorreu entre os anos de 1828 e 1832, por causa do retorno de D. Miguel a Portugal e o provável endurecimento político contra os liberais. O terceiro, que classifico como «exílio», mas teve características diferentes das demais, ocorreu entre os anos de 1834 e 1836. Nesse período Garrett foi afastado de Portugal, que estava devastado por uma guerra civil, com o pretexto de compor uma missão diplomática. Todas as cartas escolhidas fazem parte do espólio literário localizado no setor de reservados da Biblioteca da Universidade de Coimbra.

Palavras-chave: Almeida Garrett; liberalismo; cartas; exílio.

Abstract: The purpose of this paper is to analyse and present private letters received by the writer João Baptista de Almeida Garrett in the period in which he was in exile. They are a set of 25 letters, approximately, written by his mother, Family and friends in a troubled momento of the history of Portugal. I chose three moments of Garrett's exile. The first occurred between the years 1823 and 1826, it was a time of crises, where the most radical liberals are fleeing and secret societies are dissolved, The second occurred between the years of 1828 and 1832, because of the return of D. Miguel to Portugal and the probable political hardening against the liberals. The third, which I classify as «exile», but had different characteristics from the others, occurred between the year of 1834 and 1836. In that period Garrett was removed from Portugal, which was devastated by a civil war, under the pretext of composing a diplomatic mission. All the letters chosen are part of the literary collection located in the reserved sector of the University Library of Coimbra.

Keywords: Almeida Garrett; liberalism; letters; exile.

João Baptista de Almeida Garrett nasceu no Porto em 4 de fevereiro de 1799, dentro de uma família burguesa. De 1809 a 1816, viveu em Angra do Heroísmo (Açores), por causa das invasões napoleônicas e lá recebeu educação católica influenciada pelos princípios iluministas. Foi educado sob a orientação de seu tio bispo, frei Alexandre da Sagrada Família, membro da maçonaria e poeta árcade. Em 1816 ingressou no curso de direito da Universidade de Coimbra e transformou-se em líder acadêmico da ala liberal. Acabou participando do movimento que culminou na Revolução Liberal do Porto (1820) que exigia o retorno da Corte, que estava no Brasil, e o estabelecimento de uma Monarquia Constitucional.

D. João VI chegou à Lisboa em julho de 1821, depois de ter jurado as bases da futura Constituição. Muitos liberais olharam-se com desconfiança, vendo nele o dirigente natural de

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A pesquisa é financiada pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Contato: mrosario68@ibest.com.br.

uma corrente de opinião conservadora e anticonstitucional. Todavia, D. João VI não traiu seu juramento desde logo, aceitando com certa boa vontade tudo aquilo que as Cortes e os governos lhe foram impondo. É verdade que escolheu sobretudo ministros conservadores, mas, no conjunto e durante dois anos, comportou-se bem para um primeiro monarca constitucional. Os dirigentes do movimento absolutista achavam-se antes na rainha Carlota Joaquina e no seu filho, o infante D. Miguel¹.

Em 1821, já formado em direito, Garrett foi viver em Lisboa. Por sua amizade com José da Silva Carvalho, figura de proa do liberalismo, obteve nomeação de oficial da Secretaria do Reino.

A independência do Brasil aplicou um golpe mortal na situação precária das fontes de receitas portuguesas. Desaparecerem os sonhos burgueses de recuperar a colônia perdida e a independência deu aos liberais uma grande impopularidade. Muitas das inovações do parlamentarismo não agradavam aos partidários do Absolutismo. Assim, o partido liberal se viu isolado no poder.

Em maio de 1823 os partidários do Absolutismo pegaram em armas em Vila Franca de Xira. Começou a derrocada da primeira experiência liberal em Portugal. D. Miguel filho mais novo de D. João, se apresentou como cabeça do movimento anticonstitucional conhecido como *Vilafrancada*. O infante obedecia a um plano conspirador, para destinar o rei, de quem se dizia que era influenciado pelos liberais. Entretanto, D. João VI rejeitou a ideia de voltar ao passado, prometeu uma Constituição modificada, nomeou outro executivo, decretou a dissolução das Cortes e atribuiu o comando do Exército a D. Miguel. Nesse período as sociedades secretas são dissolvidas e muitos liberais vão para o exílio, entre eles se encontra Almeida Garrett. Começa, assim, um período de grandes conturbações políticas em Portugal.

A proposta deste artigo é analisar e apresentar algumas cartas privadas recebidas pelo escritor e político português João Baptista de Almeida Garrett (1799-1854) no período em que esteve no «exílio». No momento, são um conjunto de 25 cartas, aproximadamente, escritas por sua mãe, familiares e amigos num momento conturbado da história de Portugal. São três os momentos de «exílio». O primeiro ocorreu entre os anos de 1823 e 1826, foi um momento de crise, onde os liberais mais radicais põem-se em fuga e as sociedades secretas são dissolvidas. O segundo ocorreu entre os anos de 1828 e 1832, por causa do retorno de D. Miguel a Portugal e o provável endurecimento político contra os liberais. O terceiro classifico como «exílio», mas teve características diferentes das demais. Ocorreu entre os anos de 1834 e 1836. Nesse período Garrett foi afastado de Portugal, que estava devastado por uma guerra civil, com o pretexto de compor uma missão diplomática. A nomeação do escritor, em fevereiro de 1834, para funções consulares em Bruxelas representasse, talvez, o meio lisonjeiro de afastar de tais acontecimentos uma testemunha que podia tornar-se incomoda. Lá se mantém até meados de 1836, em que é afastado do lugar, em alguns momentos conhecendo as alegrias do estudo, em

¹ MARQUES, 1986: 6.

outros conhecendo as angústias de uma vida financeira precária e de desavenças conjugais que culminam, pouco depois, na separação.

Este trabalho é um recorte da minha pesquisa de doutoramento, que está em processo inicial, onde procuro analisar a cultura portuguesa da primeira metade do século XIX, a partir de cartas privadas (ativas e passivas) de Garrett com familiares e amigos entre os anos de 1824 e 1854.

A partir do século XVIII indivíduos comuns passaram a produzir, deliberadamente, uma memória de si. Esse processo se intensifica com o surgimento do homem moderno, que passa a ter direitos civis (século XVIII) e direitos políticos (século XIX). É o surgimento da vida privada em oposição a vida pública. .

O século XIX se tornará a idade do ouro do privado. Embora o ato de escrever cartas, seja praticado desde a Antiguidade, seu significado ganha contornos específicos com a formação do individualismo moderno. Esse homem não se prenderá unicamente ao ato de escrever cartas, esse processo se ampliará com a produção de diários e de autobiografias. Essa produção de memórias de si resultará no recolhimento de objetos pessoais, como fotografias e cartões-postais, que passam a transformar o espaço privado da casa. É a transformação da chamada sociedade tradicional em moderna.

(...) Invocando princípios novos decorrentes de uma cultura política assente na noção de liberdade, a vida privada é considerada, por aquele influente sistematizador da doutrina liberal com largo eco no triênio vintista, uma característica do «homem moderno» por oposição ao «homem antigo», empenhado nas «coisas públicas». Deste modo, o conceito de vida privada enquadra-se no discurso cultural e político liberal, sendo associado à idéia de modernidade e de ruptura com o passado, em particular, com a sociedade do Antigo Regime. É na vida privada que o indivíduo experimenta o sentimento de independência, sendo entendida como «refúgio» e lugar por excelência da «felicidade» individual e colectiva².

Foi no século XIX, sob o impulso da burguesia, que a vida privada tem o seu apogeu, e ao mesmo tempo provocou interrogações em torno das relações entre o público e o privado, o coletivo e o individual, o masculino e o feminino. A partir desses questionamentos, percebe-se que a sociedade portuguesa se desenvolve a partir de princípios contrastantes. A Revolução de 24 de agosto de 1820, ao estabelecer um novo sistema jurídico-constitucional, fundamentado na existência de um governo representativo e na separação dos poderes, marcou uma viragem no modo de conceber e de viver em sociedade, tendo feito emergir a consciência de cidadania.

Dentro desse contexto, os testemunhos materiais do passado, proporcionam elementos para apreciar a vida privada, restaurando, ainda que de forma incompleta, o quotidiano vivido ou experiências importantes. Assim, as correspondências permitem uma ampla gama de reflexões sobre os sujeitos e as práticas históricas. A minha escolha por trabalhar com as cartas privadas de Almeida Garrett, e não as correspondências públicas, são fruto desse ambiente histórico.

² VAQUINHAS, 2011: 11.

Privada, reflexiva e autocrítica, essa escrita também pode ser cultural e política. Entretanto, são necessários alguns cuidados ao trabalhar com esse tipo de fonte. Entre eles está o questionamento se existe um cunho biográfico contido nas cartas selecionadas:

Uma delas retoma o ponto de «ilusão biográfica», isto é, da crítica que destaca a ingenuidade de se supor a existência de «um eu» coerente e contínuo, que se revelaria nesse tipo de escrita, exatamente pelo «efeito de verdade» que ela é capaz de produzir. (...) O risco para o pesquisador que se deixa levar pelo feitiço das fontes pode ser trágico, na medida em que seu resultado é o inverso do que é próprio dessas fontes: a verdade como sinceridade o faria acreditar no que diz a fonte como se ela fosse uma expressão do que «verdadeiramente aconteceu», como se fosse a verdade dos fatos, o que evidentemente não existe em nenhum tipo de documento³.

Uma nova abordagem é compreender que o autor das cartas é um indivíduo moderno (no caso das missivas escolhidas) com as mais variadas intenções, entre as quais, «permitir o autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com outros»⁴, o que permitiria um maior controle sobre sua vida e sua escrita. Não podemos perder de vista que a sociedade moderna consagrou o individualismo.

Outro ponto que merece ser avaliado é o que se refere a escolha da correspondência que será estudada. Cartas privadas e que foram enviadas a quem de direito, integram um tipo de texto, que apesar de conter informações pessoais, se destinam a leitura de outra pessoa, e que possui meios de compreender o que lá vem escrito, e que poderá ser incompreensível ou desinteressante para outros leitores. Escolher o que publicar ou não publicar deve ser um trabalho minucioso e crítico.

É importante destacar que trabalhar com cartas pode ser um processo agradável, mas ao mesmo tempo pode ser difícil e complexo, pois é necessário estar atento a uma série de questões e respondê-las. Em que condições e locais elas foram escritas? Onde foram encontradas e como estão guardadas? Qual ou quais o (s) seu (s) objetivo (s)? Qual o seu ritmo e volume? Quais as suas características como objeto material? Quais assuntos – temas envolvem? Como são explorados em termos de vocabulário e linguagem?

Outra questão relevante é o que as organizadoras do livro *Prezado senhor, prezada senhora*, uma coletânea de textos sobre cartas, constatam que apesar do crescente interesse pelo estudo de missivas, ainda existe uma disparidade entre o volume de cartas escritas por artistas, personalidades históricas e intelectuais em relação aos poucos trabalhos feitos com correspondência. Apesar dos esforços dos estudiosos do tema, ainda não há um volume considerável sobre a questão. No caso de Almeida Garrett, as publicações de maior relevância foram publicadas em Literatura Portuguesa e não em História. Já foram publicadas algumas edições críticas a respeito de sua correspondência, mas é ainda um número pequeno mediante ao acervo de cartas do autor. O que me leva a cogitar na possibilidade de existir uma ausência historiográfica e que a minha pesquisa possui um

³ GOMES, 2004: 15.

⁴ GOMES, 2004: 16.

cunho inédito sobre esse importante escritor/político português do século XIX e a sociedade na qual ele estava inserido.

O espólio literário de Almeida Garrett que está na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra é constituído por manuscritos literários, autógrafos e cópias (teatro, poesia, ficção, ensaios e apontamentos); correspondência oficial e particular (cartas ativas e passivas) e documentos particulares. Dentro desse espólio vou utilizar a correspondência particular (de amigos e de familiares), todas dirigidas a Garrett.

As cartas de familiares contabilizam, mais ou menos, 110 cartas de 17 parentes. As que mais tomam corpo são as de D. Ana Augusta Leitão (mãe – 14 cartas inéditas), Joaquim António da Silva de Almeida Garrett (irmão – 25 cartas inéditas), Alexandre José da Silva de Almeida Garrett (irmão – 45 cartas já editadas em livro), Antônio Bernardo (irmão – 5 cartas inéditas), Francisco de Sá de Menezes (sobrinho – 6 cartas inéditas) e outros.

Embora a Biblioteca Geral possua a maior parte do Espólio de Almeida Garrett, existem também manuscritos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na Sala Ferreira Lima. Essa sala faz parte do Centro de Literatura Portuguesa e é depositária de um grande acervo documental. Nesta existem cartas de Almeida Garrett para amigos e familiares. Num breve levantamento averigui a existência de aproximadamente 100 cartas para amigos, entre eles, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Conde do Lavradio, Marques de Loulé, Rodrigo José de Lima Felner, Alexandre Herculano e outros.

A partir dessas missivas é possível identificar o amplo e complexo quadro cultural e político da época: as ideias difundidas no meio familiar e também com outros intelectuais, a questão religiosa, as questões de herança e conseqüentemente as questões econômicas e financeiras que atingem Garrett e Portugal, as articulações de bastidores da política, a movimentação de amigos em cargos públicos, a liberdade de imprensa e até questões da publicação de romances de Garrett na França e o número possível de leitores.

É importante salientar que tanto na Terceira, onde as tropas constitucionais tinham permanecido por um tempo, quer no porto, após o desembarque, Garrett foi chamado para trabalhar na reorganização do país, trabalhando com Mouzinho da Silveira na preparação de reformas que mudaram a estrutura socioeconômica de Portugal.

Esperam-no, porém, graves dissabores, provindos da sua isenção política e do seu empenho em efectivas mudanças. Ainda em 1832, é afastado do espaço nacional, devastado pela guerra civil, a pretexto de uma missão diplomática que o leva de novo a Paris e Londres. Quando reentra em Lisboa, quase um ano depois, permanecia o estado em luta e a discórdia grassava entre os liberais, entregues, muitos deles, após a vitória constitucional (1834), à ambição desenfreada de cargos e riquezas, facilitada pelo decreto das «indemnizações», que ressaltava a vingança política, e pela venda em hasta pública dos bens retirados às ordens religiosas, na sequência da legislação anticlerical de Joaquim António de Aguiar. A nomeação do escritor, em fevereiro de 1834, para funções consulares em Bruxelas representa talvez o meio lisonjeiro de afastar de tais desmandos uma testemunha que podia tornar-se incômoda. Aí se mantém até meados de 1836 (em que é afastado do lugar), ora conhecendo as alegrias do estudo (inicia-se na literatura alemã) e do prestígio social (acusam-no de gastos excessivos com a toilette), ora

*as angústias de uma financeira débil e de desavenças conjugais que culminam, pouco depois, na separação*⁵.

Neste trabalho utilizo somente as que foram escritas nos 3 momentos de exílio. O maior volume de cartas desse período é o de sua mãe Ana Augusta de Almeida Leitão, que soma um total de 14 cartas. A temática, na primeira fase do exílio são constantes, a preocupação com a viagem e se já foi possível arrumar uma colocação em algum trabalho, pois os pais também não têm condições de enviar grandes somas (até pela dificuldade do momento). Na primeira carta de 17 de novembro de 1824, a mãe já descreve sobre o estado de saúde de seu pai (que morreria 10 anos depois – no terceiro exílio do Garrett) e comenta o envio de dinheiro para ele. Nesta primeira carta narra um fato interessante: Ela informa que o tio João que morava no Brasil (Pernambuco) precisou fugir por matas e atravessou todo o país até conseguir se esconder no Rio de Janeiro de onde pegou um navio para o Faial. Este tio teve seus bens e livros confiscados por se encontrar com documentos de fidelidade ao Rei (O Brasil neste momento já está independente).

*Teu tio João chegou há pouco ao Faial vindo do Rio, aonde foi ajudado depois de uma fuga de mais de um ano, em que atravessou matas e todo o país de Minas Gerais, para escapar com vida, sequestraram-lhe tudo, até os seus livros, e como ele diz vem só rico de documentos de fidelidade ao Rei*⁶.

A preocupação da mãe em saber se Garrett conseguiu algum emprego se justifica, pois no período em que esteve em Londres passou por sérias crises financeiras e viveu durante muito tempo de ajuda de amigos e dos poucos recursos que seus pais conseguiam lhe oferecer. Por intermédio de seu amigo Freire Marreco, Garrett consegue emprego no Banco Laffite em Havre na França e resolve mudar de país. Entretanto, numa carta de 1824, a mãe lhe informa que lhe enviou umas «letrinhas de 20 mil contos de reis». Nesse período ele já estava empregado, mas continuava com problemas. Regressa do exílio em 1826.

Em 1828 inicia-se o segundo exílio de Garrett, que só terminará em 1832. O grande número de exilados, tanto na Inglaterra como na França fez surgir nesses países um intenso grupo de colaboradores portugueses em jornais. É claro que a principal motivação desses exilados era a do restabelecimento da liberdade em Portugal. Contudo, este grupo de exilados não tinha uma posição única a respeito do destino de Portugal. Na última fase de luta política são visíveis as cisões entre os exilados. De um lado estavam os que tinham Palmela como chefe, que defendia uma orientação moderada anglófila. De outro estavam os seguidores de Saldanha, um grupo mais radical, mais francófilo.

Nessa fase do exílio existem duas pequenas correspondências do seu irmão Joaquim para Garrett. A constante preocupação com os rumos de Portugal e a as condições de vida no exílio são os pontos chaves destas duas pequenas correspondências.

⁵ MONTEIRO, 2001: 11-12.

⁶ A carta foi somente atualizada ortograficamente. Essa carta está no Espólio Garrett, BGUC, caixa 131.

Entretanto, Almeida Garrett, que até então este instante mantivera uma posição equidistante escreve uma série de cartas com o pseudônimo de Mutius Scevola. Irritado com os abusos que vinham acontecendo, assim se expressa num pequeno trecho da carta:

Vimos cobertos de lagrimas, muitos de sangue, todos de opprobrio, viemos padecer e gemer na terra estrangeira; e nem a terra estrangeira nos pôde ser refugio contra a dominação odiosa da aristocracia, por quem perdemos a pátria. Sêcca de olhos, e sã de corpo, sem vergonha de suas infâmias, nem remorso de seus crimes, atraz de nós veio a toda a presa, para que lhe não escapasse uma hora de opressão, para que nem nas misérias do desterro, aos fadados portugueses coubesse um dia de liberdade. Por artes, por astúcia, por manha por seduçções dos incautos, por compra dos objectos e venaes, eil-a que se instaura na dominação – e nos domina, maltrata, e insulta e corrompe como d'antes: e nós a sofrer. Que mais ou menos do que isto nos tem feito os Palmellas, os Guerreiros, os Cândidos, os Balbinos, os Franciscos d'Almeida, os Carvalhos, os Magalhães? Esta liga de aristocracia e parasitas, de privilégios, foi, é, e será a nossa perdição e ruína se enfim não acordamos para nos libertar-mos, e os punirmos⁷.

Esta carta foi publicada num folheto com o seguinte título «Direcionado ao futuro Editor do primeiro jornal liberal que em português se publicar». Estava datada de Londres, 4 de outubro de 1830. Apenas a primeira carta foi impressa, contrariando os planos do autor que desejava fazer uma série de folhetos. O seu plano não teve êxito, pois mesmo sendo assinado por Mutius Scevola, os leitores logo descobriram a autoria do desabafo.

Apesar desta ser uma carta «ficcional» e não estar dentro do material selecionado para análise. Ela demonstra a importância deste tipo de produção (cartas) para pensar o período Oitocentista.

A partir da morte de seu pai (Antonio Bernardo da Silva em 1834), os assuntos giram sempre em torno da questão dos bens deixados e que devem ser partilhados, as dívidas contraídas por D. Ana por causa da doença do marido. O que chama a atenção é a constante reclamação pela falta de resposta de Garrett às suas cartas. Ele fica até um ano sem enviar notícias a sua mãe (Essa reclamação é uma constante nas três etapas do exílio – o que parece ser uma característica do Garrett – pois ela tem notícias que ele envia cartas para outras pessoas). Em 22 de fevereiro de 1835 ela escreve para Garrett, um ano após a sua partida para a Bélgica:

Recebi a primeira carta tua desde que partistes de Lisboa com data de 1 d'Janeiro de 1835!! Graças a Deus que me tem confortado em todas as minhas aflições mostrando-me ao mesmo tempo que nelas ele me conforta, e que só nela devo esperar! Julgava eu que a grande dor e saudade encheria todo o coração, e não poderia entrar outro sentimento: mas a triste experiência me tem mostrado qual era a minha ignorância; tenho pois aprendido na velhice; e de sorte, que chamo às vezes á memória e a saudade de teu pai e á ela que suaviza as outras magoas...⁸

⁷ AMORIM, 1881: 513.

⁸ A carta foi somente atualizada ortograficamente. Essa carta está no Espólio Garrett, BGUC, caixa 132.

Sobre questões econômicas e conseqüentemente valores pagos por seus romances, encontrei uma carta bem significativa:

Trago um pequeno trecho de uma carta de João Pedro Aillaud de 1.º de Dezembro de 1835 para Almeida Garrett.

Cá poucos dias tive o prazer de receber o seu muito prezado favor de 24 passado, e sobre seu conteúdo vou lançar-lhe aqui no papel as seguintes reflexões.

(...)

A comparação que V. S. me faz sobre preços de manuscritos em França de 100 f. por folha não me parece poder aplicar-se ao negócio em questão. Livros em Língua Francesa são comprados por um público de não s/ó de 32 milhões de habitantes franceses, mas além disso pela Europa Inteira e por uma parte, das outras quatro partes do Globo, mas um Livro Português não sai infelizmente do círculo de 4 milhões de Portugueses e Brasileiros.

Em França tira-se um bom livro a 2.500 a 3.000 exemplares e se ele tem voga, em 3, 6 ou 9 meses, ou em fim de um curto espaço de tempo esgota-se a Edição. Um Livro Português tira-se a 1.000 exemplares e esses duram anos e anos.

Do Parnaso feito em 1827 apenas se tem vendido mil exemplares em 8 anos! Portanto não comparemos uma coisa com a outra! Pois não há comparação (...)⁹.

Esta carta também foi recebida no terceiro exílio. Provavelmente Garrett reclamava dos preços pagos por suas obras pelo livreiro, tentando em vão conseguir valores mais altos por conta de seus problemas financeiros. Entretanto, Aillaud tem consciência da dificuldade e do alto custo de produzir livros. E com certeza não estava disposto a ter prejuízos e fez uma análise bem realista do mercado consumidor, levando em consideração o número possível de leitores, destacando a diferença entre a venda de literatura francesa e portuguesa, mesmo que o autor fosse Almeida Garrett. Muitos livros de interesse da época só chegavam às mãos de seus leitores através de importação, o que os deixavam mais caros e mais distantes do público. Não se pode esquecer que a tarefa de levar livros aos leitores era muito complexa e envolvia um número considerável de pessoas e de gastos. O processo começava pela relação autor-editor que dependia de tipógrafos, fornecedores de papel, distribuidores do produto e livreiros para que o produto final chegasse ao leitor. Além disso, era necessário levar em consideração questões sociais, econômicas e políticas da época que poderiam dificultar a chegada do livro ao seu público.

Para finalizar, é importante destacar que Almeida Garrett, no percurso de uma vida agitada, muitas vezes marcadas pelas provações e infortúnios, soube produzir uma extraordinária e intensa atividade como escritor e homem público. Consciente de seu valor, escreveu a sua própria biografia para o jornal Universo Pitoresco e deixou uma vasta publicação, incluindo cartas pessoais, ofícios e fictícias. Proporcionando ao pesquisador uma ampla variedade de fontes que são essenciais para compreender e vislumbrar o século XIX.

⁹ A carta foi somente atualizada ortograficamente. Essa carta está no Espólio Garrett, BGUC, caixa 132.

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, Gomes de (1881-1884) – *Memórias biográficas*. Lisboa: Imprensa Nacional, 3v.
- ANASTÁCIO, Vanda (Coord.) (2005) – *Correspondências (Usos da carta no século XVIII)*. Lisboa, Edições Colibri/Fundação das Casas de Fronteira e Alorna.
- BASTOS, Lúcia M. (2009) – *Opinião Pública*. In: JÚNIOR, João Feres (Org.) *Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima (2017) – *História e Ideologia. Uma polêmica Novecentista*. Lisboa: Editorial Presença.
- BRAGA, Teófilo (1905) – *Garrett e os dramas românticos*. Porto: Lello, p.365.
- CABRAL, Luís (coord.) (1999) – *Garrett Jornalista*. Porto: Litogaia.
- CHARTIER, R. (1990) – *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel.
- DARNTON, Robert (1992) – *História da Leitura*. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. da Unesp.
- ____ (2010) – *A questão dos livros: passado, presente e futuro*. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras.
- FRANÇA, José-Augusto (1993) – *O romantismo em Portugal*. 3 ed. Lisboa: Livros Horizonte.
- GALVÃO, Walnice Nogueira & GOTLIB, Nádia Battela (2000) – *Prezado Senhor, prezada senhora. Estudos sobre cartas*. São Paulo. Companhia das Letras.
- GARRETT, Almeida (1963) – *Portugal na balança da Europa*. In: *Obras de Almeida Garrett*. Volume I. Porto: Lello e Irmão Editores.
- ____ (2003) – *Viagens na minha terra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ____ (2012) – *Correspondência Familiar*. Edição de Sérgio Nazar David. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- GAY, Peter (2001) – *Guerras do Prazer: a experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud*. São Paulo. Companhia das Letras.
- GOMES, Ângela de castro (org.) (2004) – *Escrita de Si Escrita da História*. Rio de Janeiro. Editora FGV.
- MATTOSO, José (org.) (1998) – *História de Portugal – O liberalismo*. 5.º volume. Lisboa: Editorial Estampa.
- ____ (org.) (2011) – *História da Vida Privada em Portugal. A época contemporânea*. Maia, Círculo de Leitores.
- MONTEIRO, Ofélia Paiva (1971) – *A formação de Almeida Garrett: experiência e criação*. Coimbra. ED. IL.
- ____ (2001) – *O essencial sobre Almeida Garrett*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2010) – *Estudos Garretianos*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- PERROT, Michelle (Org.) (2014) – *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. 4.º volume. São Paulo. Companhia de Bolso.
- REIS, Carlos & PIRES, M. Natividade (1993) – *História Crítica da Literatura Portuguesa. O Romantismo*. Vol. V, Lisboa: Editorial Verbo.
- RÉMOND, René. (Org.) (1996) – *Por uma História Política*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ.
- SANTOS, Maria de Lourdes C. L. dos (1985) – *Os Intelectuais portugueses na primeira metade do século XIX*. Lisboa: Editorial Presença.
- SARDICA, José Miguel (2011) – *A Europa Napoleônica e Portugal. Messianismo Revolucionário, Política, Guerra e Opinião Pública*. Parede. Tribuna da História.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1995) – *História de Portugal. Do Mindelo à Regeneração (1832-1851)*. 2 ed. Lisboa: Editorial Verbo.
- ____ (2002) – *História de Portugal. A instauração do Liberalismo (1807-1832)*. 3 ed. Lisboa: Editorial Verbo.
- TENGARRINHA, José (2013) – *Nova História da Imprensa Portuguesa. Das origens a 1865*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- VALENTE, Vasco Pulido (2007) – *A Revolução Liberal (1834-1836) – Os «Devoristas»*. 2ed. Lisboa: Alêthea Editores.
- WINOCK, M. (2000) – *O século dos intelectuais*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil.